

IMPRENSA

Saem novos semanários, anunciam-se outros; e alguns jornais sofrem claras ou sutis transformações com a entrada de novos elementos. Há uma efervescência em certos meios da imprensa, uma disputa de melhores meios técnicos e até mesmo desse elemento longamente desprezado: o profissional.

Se é verdade que algumas publicações novas fracassaram, como "Comício", não foi por falta de interesse do público, mas apenas por deficiência de capital. Ou nem isso: a deficiência foi apenas de capitais compatíveis com a orientação do semanário, pois não faltou quem quisesse ampará-lo.

Note-se que o surto de novas publicações não parece afetar em nada a posição das antigas; há lugar e público para tudo que se publica.

Como explicar, em um momento de crise, essa expansão da imprensa? Do lado do público parece haver dois desejos contraditórios que com a mesma força o levam a procurar ler mais. Um será o desejo de tomar pé nessa confusão da vida nacional, a vontade de se esclarecer, de saber o que está havendo. Outro será o de fugir a essa realidade caótica se distraindo com tudo o que, na imprensa, não é informação, mas evasão e fantasia. Um grande setor da imprensa do Rio foi atacado de uma certa inquietação; houve uma proliferação de cronistas mexeriqueiros ou líricos, alguns bons, outros não, todos lidos e comentados. E esse estado de espírito invadiu também a reportagem, o comentário, o tópico, a entrevista. Todo mundo é entrevistado e citado, há um "rush" atropelado sobre qualquer figura, que forneça alguma sensação, seja o derrotado Aymoré ou o vitorioso Jânio Quadros.

Não me animaria a comentar o que há de bom e de ruim nessa aragem meio assanhada e leviana que sopra sobre as gazetas. Os que se irritam com a exagerada importância que assume de repente um tal elemento ou um tal assunto se esquecem de que isso é inevitável em um momento de renovação e febre, só o tempo decantará os valores. O que me parece indiscutível é que essas folias da imprensa apenas são o reflexo das "Follies 53", único título possível para um romance ou estudo sobre a realidade nacional. A imprensa mostra apenas ser sensível ao ambiente. Se amanhã o "Jornal do Comércio" resolvesse publicar u'a página colorida de histórias em quadrinhos isso não despertaria mais que um sussurro de curiosidade.

Além da influência do público, há a inquietação dos grupos. Grupos de interesses ansiosos de expressão ou defesa, que não confiam no governo nem na oposição (essas palavras perderam o sentido prático) e querem se armar com seus próprios meios de influências. Grupos do comércio, da indústria, da finança, da política, representantes de interesses próprios ou estrangeiros, que procuram firmar situações de influência preponderante nos órgãos de imprensa existentes ou fundar novos, isolada ou associativamente. Grupos que precisam de palavras — ou de silêncios...

Pelo próprio fato de exprimir tudo isso, a imprensa é tão democrática quanto possível — em todo caso mil vezes preferível àquela de barbacacho do Estado Novo. Mesmo porque, em certa medida, cada uma dessas forças que se chocam no seio da imprensa precisa defender também, neste ou naquele setor o interesse do povo. O jornalista que se pode fazer nenhuma restrição ao sr. Vargas entra de sola sobre um ministro qualquer, ou a Light, ou a Celxm ou Cofap — e quase sempre com razão. O fato de algumas pessoas ou entidades serem quase sistematicamente poupadas — o entretanto feroz sr. Anápio Gomes, a entretanto complexa Companhia Siderúrgica Nacional, e o general Ancora, chefe de Polícia, são os exemplos que me acodem no momento mostra que em meio a todo esse caos há um certo respeito, uma certa ansia de justiça. E aqui encerro a crônica deixando este assunto para a reportagem tão ávida de hoje: essas "suissas" que vivem tranqüilas em meio da conflagração. — R.B.

75/4/53

379